

farmacêutica, praticamente entregue, agora, em sua totalidade, ao capital estrangeiro, no Brasil, vinha operando sob tal método, embora suas proporções fossem muito mais modestas do que as da indústria petroquímica. Um representante da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica declarava, em fins de 1969, que o futuro desse setor industrial estava “não apenas no abastecimento do mercado interno, como também na exportação para os países da ALALC”. E detalhava, com muita franqueza: “Os grandes complexos internacionais da Indústria Farmacêutica, instalados no Brasil, foram levados a produzir aqui os seus medicamentos, em vista das exigências do mercado, e geraram de imediato a necessidade de encontrar aqui mesmo o suprimento para a maioria das matérias-primas de que necessitavam”.<sup>150</sup> Ampliando-se em conglomerados, empresas estrangeiras as mais diversas interessavam-se, diante de quadro tão promissor, por atividades antes muito distantes das que lhes eram específicas. A Shell, por exemplo, passava a participar de atividades mineradoras e já definia assim seus propósitos: “O executivo afirmou que, no caso do Brasil, os projetos visando a pesquisa de minérios devem ter, tanto quanto possível, dimensões internacionais e forte participação de capitais regionais, de forma a obter uma boa contribuição com a entrada de tecnologia e capital, compatíveis com as dimensões internacionais da Shell”.<sup>151</sup>

A grande mudança operada na posição dos grupos econômicos externos, em relação aos países do tipo do Brasil, cujo processo de industrialização, decorrente do desenvolvimento das relações capitalistas, já não pode ser detido, concretizado no controle do referido processo, subordinando-se aos seus interesses — fim da etapa do “essencialmente agrícola” — teve como consequência inevitável a alteração no fluxo exportador desses países. O problema, na etapa do capitalismo monopolista de Estado, ganhou complexidade que não pode ser aqui discutida. Interessa, de imediato, saber que, justamente quando essa mudança ocorre, a posição da América Latina no comércio mundial atravessa fase de declínio. Nessa fase de declínio, aliás, intercorre a crise monetária internacional, com o dólar sendo impugnado como moeda padrão; a complexidade se agrava com esse traço, que desencadeou controvérsia tempestuosa, nos meios financeiros do mundo.<sup>152</sup>

<sup>150</sup> “Indústria química já é mais forte que a automobilística”, in *Jornal do Brasil*, Rio, 23 de novembro de 1969.

<sup>151</sup> “Shell vai aumentar pesquisas”, in *Jornal do Brasil*, Rio, 9 de agosto de 1972.

<sup>152</sup> “A CECLA postulará, junto à III UNCTAD, uma imediata revisão dos termos do comércio internacional, bem como a reforma urgente do sistema monetário mundial.”